

O AMOR PELA LOCUÇÃO E O MOVIMENTO DAS RÁDIOS LIVRES SOROCABANAS PELA PERSPECTIVA DE SILVANA LIMA

[ENTREVISTA]

Felipe Parra

Universidade de São Paulo

Luciano Victor Barros Maluly

Universidade de São Paulo

Beatriz Buschel Pasqualino

Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

As rádios livres consistem em meios de comunicação que estimulam a participação ativa do sujeito. Dessa forma, as pessoas podem reverberar suas ideias pelo espaço eletromagnético sem sofrer censuras. Essa forma diferente de fazer rádio adquiriu popularidade na cidade de Sorocaba (SP). Entre as décadas de 1970 e 1980, o município ficou conhecido pelo grande número de emissoras caseiras. A importância dessa ação é descrita em alguns livros e artigos científicos; todavia, nota-se que há poucas informações sobre essas mídias na academia. Nesta entrevista, Silvana Lima fala sobre sua participação nesse movimento. O intuito da atividade é coletar dados, na tentativa de elaborar um panorama sobre essas mídias. A entrevista foi realizada em Sorocaba, em 27 de abril de 2019, e utilizou alguns conceitos de história oral temática e entrevistas semiestruturadas como metodologias de investigação.

Palavras-chave: Comunicação Radiofônica. Rádios livres. Rádios Livres Sorocabanas. Entrevistas Semiestruturadas. História Oral Temática.

Free radio stations consist of means of communication that encourage the subject's active participation. In this way, people can reverberate their ideas through the electromagnetic space without being censored. This different way of doing radio gained popularity in the municipality of Sorocaba, São Paulo. Between the 1970s and 1980s, the municipality was known for its large number of free radio stations. The importance of this action is described in some books and scientific articles; however, little information about these media is present in academia. In this interview, Silvana Lima talks about her participation in this movement. The objective of this activity is collecting data, in an attempt to create an overview of these media. The interview was conducted in Sorocaba, on April 27, 2019, and used some concepts of thematic oral history and semi-structured interviews as research methodologies.

Keywords: Radio Communication. Free Radio Stations. Sorocaba's Free Radio Stations. Semi-Structured Interviews. Thematic Oral History.

Las radios libres incentivan la participación directa del sujeto. Por eso, las personas pueden hacer resonar sus ideas a través del espacio electromagnético sin censura. Esta forma diferente de hacer radio ganó popularidad en la ciudad de Sorocaba (São Paulo). Entre las décadas de 1970 y 1980, la ciudad era conocida por la gran cantidad de emisoras clandestinas. La importancia de esta acción se describe en algunos libros y artículos científicos; sin embargo, se observa que existe poca información sobre estos

medios en la academia. En esta entrevista, Silvana Lima habla de su participación en este movimiento. El propósito de la actividad se centra en la recopilación de datos, en un intento de crear una visión general de estos medios. La entrevista se realizó en Sorocaba, el 27 de abril de 2019, y utilizó como metodologías de investigación algunos conceptos de historia oral temática y entrevistas semiestructuradas.

Palabras clave: Radiocomunicación. Radios Libres. Radios Libres de Sorocaba. Entrevistas Semiestructuradas. Historia Oral Temática.

As rádios livres são emissoras clandestinas¹ que oferecem espaço para o cidadão comum falar no rádio, sem sofrer nenhuma censura (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986). Dessa forma, qualquer pessoa era bem-vinda nessas radio-difusoras para dizer o que quisesse. Tal particularidade desses meios de comunicação uma forma democrática de se fazer rádio. Entre as décadas de 1970 e 1980, Sorocaba ficou conhecida como a capital das rádios piratas, pelo grande número de emissoras caseiras operando na cidade (SOROCABA, 1984).

Essa tendência despertou o interesse em jovens locais e motivou que explorassem as potencialidades comunicacionais das rádios livres. Em um ambiente predominantemente formado por homens, uma mulher se destaca: Silvana Lima (Figura 1). Nascida em Sorocaba, ela iniciou suas atividades nas rádios livres sorocabanas aos 16 anos. Ao longo da década de 1990, a radialista formada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) atuou em várias emissoras legais e ilegais da região. Essa vivência contribuiu efetivamente para o preenchimento de lacunas que existem sobre a história dessas emissoras clandestinas brasileiras.

1 Antes da era digital, as rádios livres ocupavam ilegalmente o espaço eletromagnético controlado pelo monopólio das telecomunicações por meio de transmissores de rádio e outros aparelhos de som caseiros (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986).

[Figura 1]
Silvana Lima



Fonte: arquivo pessoal de Silvana Lima

Você tinha sua própria rádio livre ou fazia locução em rádios de terceiros?

Silvana Lima: Não tinha minha própria rádio, mas falava bastante. Naquela época, qualquer pessoa que gostasse muito de comunicação, de mexer com equipamentos, podia montar uma rádio. Eles compravam um transmissor que pegava dois, três, quatro quarteirões e iam montando, viam que dava certo e iam brincando. Alguns falavam e alguns não, outros só colocavam música. Eles pegavam a frequência de outra rádio, jogavam por cima. Não sei como é que funciona. Às vezes tinha interferência também. Às vezes a gente escutava rádio de helicóptero e interferia bastante. E sempre era na casa de alguém ou em um lugar alugado. A rádio era na casa de um amigo meu. Era um estúdio todo preparado com acústica. Era pequeno, mas muito gostoso. Eu nunca tive em casa.

Em quais rádios você fazia locução?

Silvana: Foram muitas rádios, eu falava em todas. Como na FM a gente

operava o áudio, eu também fazia isso. Quem tinha operador de áudio era AM, então a gente trabalhava sozinho. Eu já fiz os horários de uma rádio de Boituva (SP). Era aos domingos, aí depois eu passei a mandar os programas gravados porque começou a ficar difícil para ir; quem editava para mim era um amigo. A primeira rádio pirata em que falei foi a do meu cunhado. Falei na rádio *Cidade FM* e também na *Regional FM*. E aí teve a *Alternativa FM*. Essa eu cheguei muito novinha. Teve uma rádio que era lá no Éden², que eu não consigo lembrar o nome (Figura 2).

[Figura 2]

Silvana Lima no local onde funcionava uma das rádios livres que participou



Fonte: arquivo pessoal de Silvana Lima

Nessas rádios em que você fazia locução, tocava que tipo de som?

Silvana: Eu tocava de tudo. Na época, o sertanejo era gostoso de ouvir, era mais raiz, depois que começou esse sertanejo universitário. Eu não toco isso. Eram quatro horas no ar. Tinha um horário que eu tocava sertanejo e depois só pop. Eu tocava muito Raimundos, muito Skank, Engenheiros do Hawaii, um som nacional. Mas tocava internacional também. Sempre

gostei muito de música romântica internacional, balada, então tocava bastante Phil Collins, Bryan Adams. Mas nessa época a gente já usava MD, usava CD, mas eu comecei lá atrás no vinil mesmo. A gente usava *pick-ups*, aí eu tocava bastante romântica internacional mesmo. Quando eu fui para a *Cidade FM*, tocava bastante pop.

Em que ano era essa época do vinil?

Silvana: Em 1996 ainda era vinil. Em 1997 já começou o disquete – talvez até em 1996 mesmo, mas eu toquei vinil. Aí depois começou o disquete, depois o MD, e aí entrou o CD. Quando entrou o CD era mais tranquilo.

Em alguns períodos você assumia o papel do DJ?

Silvana: Sim. Quando era vinil a gente tinha uma mesa de 12 canais, tinha também o *sampler*, as *pick-ups*. Eu tinha que ter habilidade para operar esse equipamento, colar uma música na outra. Os comerciais eram falados.

Tinha comerciais? A rádio conseguia se manter com recursos financeiros?

Silvana: Apoio cultural. Na rádio *Cidade* a gente saía para vender. Um amigo me levou na emissora e o dono me deu um horário. A gente saía para vender apoio cultural ali na região da Avenida Itavuvu. A gente tinha que falar “apoio cultural”. Se vendesse apoio você ganhava; se não, não ganhava. Chamávamos essa emissora de rádio comunitária, mas na verdade era uma pirata mesmo. Não sei se as pessoas vão admitir, mas muita gente não gosta de falar que começou em rádio pirata. Sinto o

2 Bairro da cidade de Sorocaba.

maior orgulho de ter começado em rádio pirata porque com 16, 17 anos eu passava por emoções que eu não passo hoje, até fugi da polícia.

Você fugiu da polícia nessa época?

Silvana: Então, tinha a rádio no bairro Central Parque. Era a mais preparada em que eu já tinha trabalhado. Tinha a carteirinha da rádio, era certinho. Você ganhava até cesta básica. Era funcionária remunerada da rádio *Regional FM*. Aí foi bem na época em que a polícia começou a investir pesado mesmo. Isso foi em meados de 1998, 1999.

Qual era a localização da *Regional FM*?

Silvana: Eu lembro que a gente subia a Avenida José Tótora, passava a padaria, subia mais algumas quadras e descia a rua, era quase em uma esquina. Uma casa comum, era gostoso porque eu ia de ônibus, uma época boa. Os ouvintes eram fiéis porque o FM de antigamente era melhor do que o de agora. A gente falava mais, interagia mais, falava no ar com o público e o pessoal gostava muito da gente. Eles levavam chocolate, bolo, de tudo, até galinha eles levavam. Era como o AM, ele é assim, é uma delícia fazer. Eu ganhei muito presente lá, ganhava semijoia, bijuteria, era de tudo.

A rádio *Cidade* e a *Regional* tinham um período para ser transmitidas ou eram transmitidas 24 horas por dia?

Silvana: Elas saíam do ar porque não tinha o programa que a gente tem hoje. Atualmente a gente usa a playlist e outro programa. A gente usava lá na rádio *Maxximo*, já está sendo usado na

rádio *Fritura*, é maravilhoso. Esse programa roda a noite inteira, mas precisa de uma pessoa para alimentar de conteúdo. Mas ele tem blocos, a hora, comercial. Aí você prepara, fecha a porta e vai embora. Na rádio *Fox* é feito assim, pois eles não investem em locutor. A programação acabava às 22 horas, e o que rolava depois era playlist. Eu não sei como é agora porque eu não estou ouvindo, mas hoje em dia geralmente é playlist. Mas a rádio sai do ar. Se o último programa fosse às 23 horas, a rádio saía do ar porque não tem como rodar. Podia até rodar um CD ou um disco inteiro, mas quando acabava não tinha como fazer. O horário de funcionamento era das sete da manhã até 22, 23 horas. Eram vários locutores. O horário variava, pois algumas pessoas ficavam bêbadas e entravam no ar.

E, na sua visão, qual a razão de ser dessas rádios, por que elas existiam?

Silvana: A gente ama rádio e ama música. Eu que sou mulher não tinha essa destreza de lidar com equipamentos eletrônicos, mas muitos homens que têm e gostam disso. E esses meninos que lidavam com isso tinham inteligência para fazer. Então, eles compravam o transmissor e montavam tudo. Gostavam de música e de brincar de DJ, e era uma diversão naquela época porque havia condições para fazer isso, não era como é hoje. Hoje tudo é proibido. Isso era uma brincadeira para a gente. Tem tanta coisa hoje em dia, jogo no celular, videogame, *lan house*. Naquela época a gente não tinha internet. Então a nossa brincadeira era isso, a brincadeira mais interessante depois do carrinho de rolimã era a rádio pirata e o rádio amador.

Basicamente, você me falou que os meninos tinham o equipamento e faziam suas próprias rádios. Como foi para você, sendo uma mulher, estar nesse ambiente de rádios livres? E qual foi a sua experiência?

Silvana: Para mim era uma delícia porque eu amava desde criança. Eu ouvia rádio e interagia muito. Tinha a rádio *Ipanema*, a *Vanguarda*, a *Líder*. Eu interagia muito com os locutores dessas rádios comerciais, ganhava prêmios e gostava de falar. Como falava bem e tinha uma boa dicção, muitas vezes eles ligavam para eu participar no ar. Locutores famosos me ligavam. O Fernando Carriel já me ligou, o Roberto Macedo também. Porque às vezes não tinha um ouvinte que interagisse e, como eu já gostava, me ligavam. O pessoal ouvia muito mais rádio antes do que hoje em dia. Agora a internet chegou, a mídia impressa está quase morrendo e o rádio também não vai bem. Então, as pessoas ouviam muito e todo mundo me ouvia participar. Um dia meu cunhado me falou assim: "Sil, montei uma rádio pirata lá em casa. Vamos lá falar?". Eu fui e foi onde eu conheci uma pessoa que trabalhava na rádio *Cidade*. Mas a do meu cunhado era bem pirata mesmo, um quartinho com duas *pick-ups*. Eu não sei como é que ele fez aquilo. Tinha um transmissor lá que eu também não sei como ele fez. E o transmissor era sempre melhorado, pegando um quarteirão a mais, então a gente ficou popular, ia fazer agito nas escolas da redondeza. Todo mundo conhecia a gente, e quanto mais ela começava a crescer, maior o problema, porque daí a polícia começava a aparecer. Era pesado o patrulhamento. Se era uma coisa muito pequena, que pegasse só uns quarteirões, não, mas se começava a pegar muito e a

passar de bairro, passar de dois ou três bairros pegando frequência de uma outra rádio legalizada, a gente tinha problema.

Nessas rádios vocês colocavam alguma mensagem política?

Silvana: Não tinha. A gente não tinha protesto, tocávamos música em paz. Hoje em dia é tudo muito diferente. Dos anos 2000 para cá essa geração causa muito problema e nosso país piorou né? Nossa economia piorou. Mas antigamente era mais fácil de viver, as coisas eram mais baratas. Hoje em dia é tudo mais caro e o salário continua baixo, então ficou mais difícil, a cada dia que passa fica mais difícil. Naquela época o pessoal não se preocupava com isso, porque eles conseguiam viajar, fazer uma compra decente, se vestir melhor. Hoje em dia não tem como; devíamos evoluir, mas parece que a gente regrediu, está tudo muito primitivo. O ser humano está mais primitivo, mais agressivo, antes não tinha isso. A gente ganhava presente, o pessoal nos ouvia. Eu não tinha problema com assédio. Eu fui ter problema com assédio mais velha, mais nova eu não tinha problema e convivia com pessoas mais velhas que eu, homens mais velhos. Tinha 16, 17 anos e convivia com homens de mais de 30 anos. Eles me respeitavam e nunca tive problema nenhum. Um amigo me pegava na porta da minha casa e me levava para a rádio. Às vezes eu ia de ônibus e voltava com ele de carona. Nunca tive problema de nada porque naquela época as pessoas eram diferentes. O Vlad Mancini, por exemplo, era um cara que me dava carona. Em se tratando de rádio e de voz, o Vlad Mancini foi meu primeiro professor. A gente vinha para o Shopping Sorocaba e ele dava aula de dicção, como íamos

anunciar, falar e tudo. Ele é dono da rádio interna do Shopping Sorocaba.

O Francisco Noronha Moreira, dono da extinta rádio livre *Strick Som*, fez o curso, mas não conseguiu se profissionalizar. Mas como ele mesmo fala: “eu durmo e sonho que estou fazendo rádio”.

Silvana: Então, eu sou parecida com ele. Eu amo rádio, mas não sou escrava, sabe por quê? Porque eu não tenho ambição, eu não sou presa a nada. Eu amo rádio, então eu comecei a fazer rádio. Se eu morrer hoje eu não deixei o rádio para trás, eu já fiz. Eu já falei, as pessoas já interagiram comigo, falaram no ar comigo. Agora nessa era digital, o pessoal todo me ouve na live, eles pedem música, é maravilhoso.

As pessoas que te ouviam na época continuam te ouvindo nas lives hoje?

Silvana: Algumas sim. Mas são mais familiares, amigos. A gente perde contato e hoje em dia a rádio digital é transmitida pelas redes sociais, toda vez que eu entro no ar transmito a live. Então, além de ouvirem, eles estão vendo as imagens, e isso é muito bom. É muito gostoso porque o pessoal interage. Eles ficam lá e eu sei quantas pessoas estão no ar comigo, eles pedem música, dá para falar no ar. Eu acho que melhorou, mas matou a mídia impressa porque hoje em dia ninguém mais lê e ninguém mais escreve direito, nem com o corretor do celular.

Quando você fazia locução, havia algum posicionamento político em sua fala?

Silvana: Não, não tinha nada disso. O único foco era música. A gente dava notícias, mas nunca era voltado sobre política.

Era mais sobre a parte policial, alguma coisa que aconteceu. Por exemplo, o Renato Russo morreu e eu estava na rádio *Cidade*. Lembro que eu dei a notícia no ar. As notícias que a gente dava eram essas, a hora certa, algum objeto perdido ou um apoio cultural que a gente tinha como comercial. Política para mim é cansativo, chato, é uma coisa que não depende de mim. Eu faço minha parte, mas não adianta eu ficar gastando saliva com isso. Então, eu só falava de música, anunciantes, também recebia convidados e interagia com eles. Tipo, se ia tocar Bryan Adams, eu contava a história da música, quando foi lançada etc. Era só descontração.

Como você anunciava os objetos perdidos?

Silvana: Quando a pessoa perdia um documento, ela ia à rádio, ou ligava e falava: “Olha, perdi um documento e meu nome é tal”. Aí a gente falava no ar o que ela perdeu. Então, eu abria o programa, anunciava e depois tocava três ou quatro músicas e desanunciava. Aí falava a hora e depois falava alguma coisa que tinha que dizer, um comercial ou uma utilidade pública, como objetos perdidos. Era sempre assim, três ou quatro músicas, hora certa e comercial. Seguíamos esse padrão.

Você trabalhou em rádio web?

Silvana: Eu tinha um programa na rádio *Fritura*. Se chamava “Na vitrola”. Era à noite, só flashback. Já era digital, com tudo fácil, só abrir o microfone e falar e tocar playlist. Só que o programa de computador usado na rádio era pirata, e travava. Então a gente estava no ar e a programação parava. Aí tinha um DVD ou CD já preparado. Na hora que a programação parava,

a gente dava um play. Eu não ganhava nada lá. Passou um tempo e fui para a rádio *Maxximo*. Lá não era pirata, então eu trabalhava no programa em paz, mas não podia tocar Pink Floyd porque tem direitos autorais. Eu saí da rádio *Fritura* porque o pessoal colocou uma prostituta para trabalhar lá. Eu admiro o dono de lá por ser uma pessoa otimista, ele é um pirata em era digital. O que a gente fazia lá atrás ele faz hoje. Só que foi preso por isso, por operar em uma frequência de FM ilegalmente. E ele falava que tinha concessão da Anatel. Até me passou o papel de concessão. Mas depois disso ele foi preso. Que concessão é essa? Uma concessão de uma FM é muito cara, ninguém tem, é muito difícil. Agora assim, faz tempo que as AM estão em um processo de virar FM. Na rádio *Fritura* eu fazia o jornal também, então ia cedo todos os dias. O jornal era sério. Era eu, o J. Abreu e a Cida Muniz. Na despedida do J. Abreu, quando ele foi para o SBT, eu levei um bolo.

E essa transição para a *Maxximo*, o que mudou nisso? Você tinha uma programação lá? Como era?

Silvana: Então, demorou um tempo. Passaram uns três anos, um amigo sabia que eu era radialista e me pediu ajuda, pois tinha recebido uma proposta para fazer um programa de rock na rádio *Maxximo*, mas ele não tinha noção nenhuma. Eu disse: “vou te dar umas orientações, o básico do básico, você engata a primeira e vai”. Daí ele foi e fez esse programa durante muito tempo. Depois recebi a notícia de que a rádio *Maxximo* estava de portas abertas para mim quando eu quisesse. Entrei em contato e gostei do dono de primeira, então comecei a fazer um programa lá. Nesse tempo já era tudo melhorado porque o estúdio era bom,

a gente fazia transmissão para o Facebook, não travava, mas não podia botar Pink Floyd. Isso foi em 2017. Era um programa só meu, o “Mundo retrô” (Figura 3). Eu dei a ideia de uma programação voltada para flashback. E assim foi. A rádio era voltada para o rock e eles abriram um espaço retrô para mim. A rádio agora toca tudo, então se eu for agora vou tocar tudo, vou tocar nacional, internacional, menos funk porque “Deus me livre”, ninguém merece. A programação era a mesma da *Fritura*, só mudava o estúdio e a rádio.

[Figura 3]

Logotipo do programa “Mundo retrô”



Fonte: arquivo pessoal de Silvana Lima

O que o rádio representa para você?

Silvana: Eu amo o rádio. Rádio é alegria, se eu puder passar a vida inteira só fazendo rádio, eu passo. Não preciso de mais nada, eu não ligo para dinheiro, só fazer rádio, ouvir música, falar. É gostoso. Só que o dinheiro é necessário para viver, por isso eu parei de ir à *Maxximo*. Começou a ficar ruim porque eu gastava para ir até lá e

não ganhava nada. Tinha que trabalhar e começou a ficar corrido. Era na pior época da minha vida. Agora que está tudo bem. ■

[FELIPE PARRA]

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Bolsista do CNPq.
E-mail: felipe.parra@usp.br

[LUCIANO VICTOR BARROS MALULY]

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor de radiojornalismo na mesma instituição.
E-mail: lumaluly@usp.br

[BEATRIZ BUSCHEL PASQUALINO]

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP.
E-mail: biapasqualino@usp.br

Referências

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres**: reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SOROCABA, a capital das rádios piratas. **O Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, p. 16, 11 mar. 1984.

BERNAL TORRES, César Augusto. **Metodología de la investigación**: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales. Bogotá: Pearson Educación, 2006.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres**: reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOROCABA, a capital das rádios piratas. **O Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 11 març. 1984. Sorocaba, p. 16.